

Alegra-me muito ter esta oportunidade de um contato com representantes da comunidade de negócios panamenha e centro-americana.

Este é um evento de grande relevância no marco da América Central e da América Latina, um evento que demonstra a força da economia da nossa região, assinala o dinamismo de nossos vínculos comerciais e, o que é mais importante para os brasileiros, a amplitude do potencial de desenvolvimento que se apresenta no marco de uma aproximação mais intensa entre o Brasil e os países da região.

Ninguém desconhece o papel que o comércio internacional pode desempenhar como um dos motores do desenvolvimento e de superação dos problemas da pobreza e da injustiça na nossa região.

A globalização das economias não pode converter-se em uma religião do mercado. Há valores que transcendem o mercado e que há que ter em conta para que a globalização não resulte oposta a suas próprias promessas.

Um desses valores é o da solidariedade.

Estou convencido de que, em nossos dias, um dos pontos-chaves para avançar na solidariedade é o esforço de alcançar padrões mais equilibrados e menos assimétricos no comércio internacional.

As medidas protecionistas dos países mais desenvolvidos são um anacronismo que se revela, a cada dia, incompatível com os valores da cooperação econômica no plano internacional.

É fundamental, no marco dos esforços de desenvolvimento latino-americanos, que cada país possa explorar suas vantagens comparativas sem que isso gere reações protecionistas de parte dos países mais ricos.

Esse é um problema que se torna visível, por exemplo, no caso das exportações brasileiras de aço.

Para nós latino-americanos, um grande desafio é incrementar os fluxos comerciais entre nossos países – na América Latina, no hemisfério americano e em nossas relações com o mundo –, mas incrementá-los de uma forma que corresponda aos interesses de todos, sejam grandes ou pequenos, ricos ou pobres, mais ou menos desenvolvidos.

Nas circunstâncias do atual sistema internacional, esse incremento do comércio pode fazer-se de diferentes formas.

Como se diz, é um exercício de geometria variável, em que distintos blocos comerciais e distintos níveis de associação se superpõem e se complementam com resultados positivos para todos os países.

Um exemplo disso é o acordo hoje assinado pelo Panamá com os demais países centro-americanos.

Para o Brasil, é um desafio prioritário de nossa política externa, e de nossa inserção na economia mundial, ampliar e diversificar as relações comerciais com todos os blocos.

Nossos esforços de integração regional não são excludentes, mas, ao contrário, criam novas oportunidades e novas aberturas ao mundo. Estamos avançando na integração, com o objetivo de construção de um mercado comum, no marco do Mercosul.

Esse é um esforço da mais alta importância para o Brasil.

Confiamos na recuperação da economia argentina e sabemos que, com uma Argentina forte e próspera, também o Mercosul e o Brasil serão mais prósperos e mais fortes.

Realizamos, no ano 2000, em Brasília, a primeira reunião de Presidentes da América do Sul. Foi um encontro histórico, que definiu diretrizes para o aprofundamento da integração física – nos transportes, nas comunicações, na energia – em nossa região.

Hoje, na América do Sul, os eixos de desenvolvimento são pensados e planejados também em nível regional.

O planejamento do desenvolvimento não está fragmentado pelas fronteiras.

Em um quadro mais amplo, trabalhamos em conjunto com nossos sócios do Mercosul e com os demais países da região para avançar na proposta de uma Área de Livre Comércio das Américas, assim como em outros arranjos de liberalização comercial – como na OMC ou em nossas negociações com a União Européia.

A Alca é um projeto que se impulsiona com grande força e que gera grande interesse. Não por acaso, mas porque de fato abre novos horizontes a toda nossa região.

Tampouco é um projeto fácil.

É uma idéia que requer, para ser implementada, que estejam preenchidas algumas condições, que não são condições utópicas ou extravagantes. São simplesmente as condições mínimas para que o avanço do livre comércio em nosso continente resulte em um fator de desenvolvimento econômico e de justiça social. São condições necessárias para que o aprofundamento dos vínculos de comércio se faça em favor, e não contra, o esforço de eliminação da pobreza e de redução das desigualdades entre os países e dentro deles.

Qualquer que seja o resultado das negociações no âmbito hemisférico, para o Brasil a relação comercial com o Panamá e com os demais países do Istmo Centro-americano tem importância fundamental.

E não resta dúvida de que essa importância será crescente nos próximos anos.

Temos mantido uma corrente de comércio que está entre os 350 e os 400 milhões de dólares, dos quais algo como 100 milhões de dólares só no comércio bilateral com o Panamá.

São números expressivos, mas que ainda podem aumentar muito.

E o Brasil tem grande interesse em que esse comércio cresça, em que se amplie o âmbito de nossa cooperação econômica.

Estamos convencidos de que isso será muito positivo para nós, para o Panamá e os países centro-americanos.

Sabemos que há um enorme potencial que deve ser explorado entre nossos países. Por isso, o Brasil enviou, somente no decorrer do ano 2001, duas missões comerciais à América Central.

Já foi formalizado o anúncio da criação de um setor de promoção comercial em nossa Embaixada no Panamá.

Há perspectivas muito favoráveis de investimentos de empresas brasileiras na região.

Durante sua visita ao Brasil, no ano passado, especialmente em São Paulo, a Presidenta Mireya Moscoso ajudou a promover contatos entre empresas brasileiras e panamenhas.

A participação do Brasil nesta exposição – temos aqui cerca de 60 empresas – mostra que a relação entre o Brasil e a América Central adquiriu uma nova qualidade.

O Panamá – assim como a América Central – tem uma vocação iniludível de integração e de participação ativa no comércio mundial. Isso se vê em sua geografia, bem como em sua história.

O Canal foi, e continuará sendo, um instrumento inestimável de integração em nível mundial. Sua modernização – e aqui tivemos o privilégio de ser testemunhas do início das obras no Lago Gatún – tem grande importância para a região. Torna-se possível, com isso, responder de forma mais eficaz às exigências do transporte moderno.

O Brasil seguirá trabalhando para aprofundar seus vínculos com toda a região centro-americana.

Partilhamos um passado de lutas e um presente de esperanças e aspirações.

Estou certo de que aquilo que estamos fazendo hoje nos permitirá, igualmente, partilhar um futuro de mais justiça e maior prosperidade.

Muito obrigado.